

ESPAÇO ESCOLAR, ACOLHIMENTO E OS DIREITOS DE APRENDIZAGEM

Denise Rangel Miranda ¹
Jardele Civineli Verdeiro ²
Simone Batista Florentino ³

RESUMO

A experiência que relatamos aqui e que foi realizada em nossa escola se constituiu no momento anterior ao ensino híbrido, quando pensamos que seria primordial valorizar os espaços externos de nossa escola para receber nossa comunidade escolar. Dessa forma tivemos como objetivo a reorganização do espaço externo escolar, com vistas ao acolhimento, e, também, como forma de contribuição para que pudéssemos assegurar o direito de aprendizagem, em especial, na Educação Infantil. Nosso trabalho se baseou no conceito de espaço físico considerado por Faria (1999) em que este não se resume à metragem. Ele “precisa se tornar ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos” (p.70-71). Corroborando com a autora citada, tivemos a intenção de trazer mais cor para os espaços externos de nossa escola propiciando acolhimento, interações, explorações e/ou vivências que pudessem favorecer o movimento corporal, as brincadeiras e a contação de histórias, sempre procurando preservar os protocolos de enfrentamento da Covid-19. A fim de verificar a pertinência de nossa proposta temos o propósito de avaliar a utilização dos espaços externos, que foram revitalizados, a partir de observações e/ou registros de suas apropriações.

Palavras-chave: Espaço escolar, Vivências, Aprendizagens.

INTRODUÇÃO:

Este relato de experiência se deu no contexto mundial da pandemia do Covid -19, ocorrido no final de 2019 onde o isolamento social foi uma das principais formas de prevenção do contágio do vírus. Após quase 2 anos de suspensão das aulas presenciais, e com um possível retorno de forma híbrida(online-presencial). Diante deste contexto, a escola se depara com diversas situações para adaptar ao retorno dos alunos no espaço escolar. a fim de propiciar interações , vivência e experiência e aprendizagens

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Coordenadora Pedagógica da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, denisermirandao@gmail.com ;

² Especialista em Educação da Universidade Federal - UF, Vice-diretora escolar e professora da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, coautor1@email.com;

³ Especialista em Educação pela Universidade Castelo Branco, Coordenadora Pedagógica da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, coautor2@email.com;

Diante desse cenário, sabemos que o isolamento social alterou drasticamente o modo de vida das pessoas, e com as modificações na educação e a implementação de aulas remotas muitos alunos tiveram dificuldades de se adaptar às mudanças de estudo em outro ambiente que não fosse o da escola. Sendo que a falta de convivência com ambiente escolar, com os professores e com os colegas influenciaram significativamente na estabilidade emocional das crianças, causando desconforto, estresse, ansiedade ou alguns casos até uma certa “acomodação” . Pode-se dizer que o tempo que as crianças ficaram em casa, provocou uma grande perda e atraso na aprendizagem, visto que, acabou distanciando da rotina acadêmica dos estudos.

Segundo Santana e Sales (2020), “[...] não há dúvidas que a pandemia de Covid-19 implicará em perdas para a educação e para aprendizagem [...]” e que, desta forma, a atual gestão terá que apropriar-se deste cenário pandêmico e criar novas estratégias educacionais.

Pensando em estratégias educacionais, que viabilizem as interações e ao mesmo tempo o acolhimento dos alunos, Pensamos que seria primordial criarmos um ambiente acolhedor que abarcasse tanto as possibilidades de potencialização do brincar quanto da contação de histórias.

As Brincadeiras no espaço transformado

*Preste atenção que agora vou ensinar
A pular amarelinha e você vai gostar
Já começa a brincadeira desenhando no chão
Oito casas bem maneiras siga a numeração
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8
Chame a prima, chame o irmão, bate na porta da vizinha
Chame todo mundo pra brincar de amarelinha
E agora uma pedrinha você tem que arranjar
Pra jogar em cada casa, boa sorte vamos lá
Vai e volta até o começo, siga tudo que eu disser
Não pode pisar na casa que a pedrinha estiver
Até chegar ao céu
Vai pulando num pé só
Nesse jogo de equilíbrio
Quero ver quem é melhor*

Assim como acontecia todos os anos, iniciamos o ano escolar de 2020 com nossas crianças da Educação Infantil numa escola pública de Juiz de Fora que chegaram à escola com suas mochilas e lancheiras, acompanhadas por seus pais, irmãos, alguns vindos de Van, carregando consigo a curiosidade de conhecer a sonhada professora, de rever e matar saudades alguns colegas, conhecer outros... Todas com vontade de brincar e explorar muitas possibilidades em múltiplos espaços de convivência e de aprender e se aventurar com novos desafios.

Porém, transcorrido pouco mais de um mês de aulas, a vida de todos nós mudou de uma hora para outra: o medo se alastrou na sociedade, as portas da escola se fecharam sem perspectivas de reabertura. Era a chegada de um inimigo totalmente invisível, nomeado por COVID-19, que devastou os sonhos, as alegrias, a ânsia de experienciar um novo ano escolar e alterou, como nunca antes visto, os modos de viver em nossa sociedade..

Nesse contexto, houve a necessidade de reestruturar a forma de ensinar, de forma distanciada, com atividades remotas. Foi um longo período de aprendizagens remotas, com atividades impressas entregues de forma impressa e atividades assíncronas.

Quando houve a possibilidade do retorno gradual, com o advento do ensino híbrido, a escola precisou se reinventar e se preparar para receber as crianças de forma presencial,

respeitando-se todas as orientações das autoridades sanitárias. Foi necessário criar um novo jeito de chegar, de cumprimentar, de conviver e de brincar com os colegas e interagir com os professores. Havia, também, a preocupação em orientar as crianças previamente, por meio do diálogo e escuta das partes sobre os motivos pelos quais era necessária uma nova forma de vivenciar a escola. Assim surgiram novas formas de nos cumprimentarmos sem nos tocar e até brincadeiras, sempre com uso de máscara, foram realizadas para auxiliar nessa adaptação.

Assim, podemos dizer que os pais, os professores e as crianças foram parceiros no retorno escolar durante a pandemia, para que as aulas presenciais, a interação com os amigos e, sobretudo, o brincar fossem possíveis, mesmo que de forma adaptada para que o distanciamento fosse mantido. Pois, mesmo com a pandemia, acreditamos que a proposta pedagógica para a Educação Infantil da escola baseia-se na brincadeira e na interação com eixos fundamentais da sua prática, assim como orienta a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018).

Diante do exposto, foi pensando por nós, equipe diretiva, coordenadores e professores a transformação do espaço. Nesse sentido, o brincar precisou se transformar e, também, ser priorizado em espaços mais amplos e/ou externos para que o distanciamento fosse respeitado. Houve, também, a necessidade do uso de equipamento de proteção individual, como máscaras.

Nosso entendimento era que, mesmo diante das circunstâncias, deveríamos propiciar uma experiência carregada de afeto e cuidado, respeitando a criança e seu direito ao brincar através de: jogos das cores, caminhos com traços, linhas, Amarelinha, Jogo da velha, dama humana, espaços destinados a conversa em roda e contação de histórias. Todos as brincadeiras e jogos foram pintadas no chão das áreas externas da escola, tornando o ambiente externo acolhedor, criativo e um recurso além da sala de aula para proporcionar interações, experiências e aprendizados. É importante ressaltar que tais ações foram organizadas em um mutirão com professores e funcionários da escola.

Desse modo, brincadeiras dirigidas e espontâneas, na parte externa da escola, foram propiciadas, ao longo do período que se estendeu do final de setembro até a metade de dezembro de 2020. Iniciamos com experiências dirigidas, com o intuito de manter a segurança e o cuidado das crianças até que pudessem estar mais adaptadas ao novo jeito de ser e estar na escola. Aos poucos, foi possível realizar atividades sugeridas, inventadas e até propostas pelas crianças e isso só aconteceu por conta de uma escuta atenta e do diálogo com

as crianças, de modo que também elas pudessem ser protagonistas do processo de brincar, de interagir, de socializar e, também, de reinventar o brincar na escola, em meio à pandemia.

Contação de histórias no ambiente transformado

*Eu vou te contar uma história, agora, atenção!
Que começa aqui no meio da palma da tua mão
Bem no meio tem uma linha ligada ao coração
Quem sabia dessa história antes mesmo da canção?
Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão...*

Palavra Encantada.

Pode-se dizer que a contação de história estimula a curiosidade, o imaginário, a construção de idéias, expandindo conhecimentos e fazendo com que a criança vivencie situações que a proporcionam sentir alegria, tristeza, medo, e as personagens dessas histórias, muitas vezes servem de exemplo para as crianças, ajudando a resolver conflitos e criando novas expectativas, tornando-se super-heróis.

Nesta perspectiva, pensando no retorno das crianças, (re)organizamos o espaço externo da escola, com o objetivo de assegurar o direito de aprendizagem das crianças principalmente os da Educação Infantil. Uma vez que, sabemos que os direitos de aprendizagem são movimentos, garantidos na legislação da educação nacional, em que a criança por intermédio de vivências, brincadeiras, faz de conta, conseguem fazer relações, conhecendo-se e expressando seus sentimentos e elaborando conhecimentos. Sendo que a criação de uma situação imaginária é uma manifestação da emancipação da criança (VYGOTSKY, 1998).

Vale a pena ressaltar o espaço da contação de histórias, visto que, sabemos que na formação de uma criança ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser leitor, é ter um caminho de descobertas e compreensão do mundo.

De acordo com Abramovich, 1997, pode-se dizer que a prática de contação de histórias relacionada à aprendizagem, apresentou-se com uma estratégica eficaz que além de contribuir para o bem estar dos envolvidos, aproxima os vínculos entre família, escola e professor. (p. 16).

Pudemos observar que a experiência impactou, de forma significativa, na prática docente, uma vez que, promoveu a socialização dos alunos e desenvolveu nas crianças o desejo de participar e ter opiniões. E podemos dizer, que auxiliou na formação de um sujeito capaz de vivenciar situações do cotidiano dando a elas oportunidades de fazer parte do mundo de faz de conta.

A prática de contação de histórias possibilita ao ouvinte, e primeiramente ao contador, a compreensão sobre temas sociais de um modo mais lúdico, ao mesmo tempo em que permite questionar as relações sociais. É nesse momento que essa atividade deixa de ser apenas mais uma história fantasiosa, e passa a ser oportunidade de estabelecer uma relação entre a interiorização do aluno com a percepção que este tem do mundo (RODRIGUES, 2020). Outra questão já mencionada, mas que é válido ressaltar, trata-se da importância da contação de histórias no processo de desenvolvimento da escrita e leitura da criança. Seja um conto de fadas, uma cantiga, ou um poema, quando bem elaborado e intencionado pelo contador, pode ser um instrumento pedagógico de aprendizagem para a criança. Quanto mais contato o aluno tiver com histórias diferentes, maiores serão as chances de desenvolver o interesse pela leitura e pela própria capacidade de recontar à sua maneira a história ouvida, desenvolvendo também a oralidade.

A oralidade é muito importante na Educação Infantil, enriquecendo a comunicação e a expressão, uma vez que as crianças fazem uso da linguagem a todo momento, está ajuda a favorecer a interação social. Nesse sentido, o papel do educador é de assumir um compromisso com o livro, criando o hábito de contar histórias e despertando curiosidades da criança para que criem suas hipóteses. Segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI, 1998.p. 24).

Além de toda essa aprendizagem mediada no contato entre narrador-história-ouvinte, para Coelho (2000, p. 26), “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção,

desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu próprio entretenimento”. Isso nos leva a entender que, por se tratar de histórias diferentes, a cada momento o aluno estará suscetível a lidar com diferentes situações que serão vivenciadas pelos personagens, mas que desenvolvem na criança valores (como coragem, empatia, responsabilidade) que podem ser demonstrados no cotidiano dela a medida em que vai se desenvolvendo e lidando com novas experiências.

O hábito de ouvir e contar histórias está presente em nossa cultura, aproximando-nos do universo da leitura e escrita, ampliando o vocabulário e estimulando o imaginário. A escola apresenta-se como principal espaço para o desenvolvimento destas habilidades através do contato frequente com situações diversas, buscando o prazer em ouvir e contar histórias, desenvolvendo assim o senso crítico e a autonomia individual e do grupo. Desta forma, busca-se através deste projeto proporcionar à Comunidade Escolar diferentes vivências no hábito da leitura

Conforme o Referencial curricular nacional para a Educação Infantil (1998): O ato de ler é cultural. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto para a beleza das ilustrações, ele permite às crianças construir um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi, etc) e pela escrita (BRASIL, 1998, p.135

Portanto, podemos enfatizar que a contação de histórias é imprescindível na formação integral das crianças. A BNCC (2018, p.43) aponta que “criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos” é um dos objetivos de aprendizagem no campo das experiências (Escuta, fala, pensamento e imaginação) muito importante no desenvolvimento das crianças.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes pelo prazer de reconhecê-la, de aprendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (RCNEI, VOL, 3, p.143).

Acreditamos que seja válido ressaltar a importância da contação de histórias no processo de desenvolvimento da escrita e leitura da criança. Nesse sentido Freire (1989)

ressalta que a criança sem antes mesmo ter ido à escola, consegue ler, fazer a leitura do mundo que a cerca, pois já tem um conhecimento prévio que deve ser levado em consideração no ambiente escolar. A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se, é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1989, p. 7).

Sabemos que o hábito de ouvir histórias e contar histórias está presente na nossa cultura, seja com um conto de fadas, uma cantiga ou um poema quando bem elaborado e intencionado pelo contador, pode ser um instrumento pedagógico de aprendizagem para criança além de aproximar para o universo da leitura e da escrita ampliando o vocabulário e estimulando o imaginário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso relato traz à tona nossa preocupação em acolher nossa comunidade escolar, com vistas a propiciar interações diversificadas a partir dos espaços externos de nossa escola, no retorno às atividades presenciais, no advento do ensino híbrido no período pandêmico.

Nossas observações sobre as apropriações dos espaços que foram revitalizados/reconfigurados, nos leva a crer que potencializaram as brincadeiras e as contações de histórias contribuindo para o processo de alfabetização e letramento de nossas crianças.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ligia M. L de, GARCIA, Paola, OLIVEIRA, Denise R. M. Pátio escolar na Educação infantil e sua apropriação: contribuições a partir da perspectiva das crianças p. 77-87, In: O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres, uso, forma e apropriação, AZEVEDO Giselle a. N, RHEINGANTZ, Paulo A. e TÂNGARI, Vera R. (Orgs.). FAPERJ, Rio de Janeiro, 2011.



BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

SANTANA, Camila Lima et al. Aula Em Casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. Interfaces Científicas-Educação, v. 10, n. 1, p. 75-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9181>. Acesso em: 20 nov. 2022.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. O desenvolvimento psicológico na infância, 1998;